

USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

USE OF PLANTS, ILLNESSES, PRAYERS AND GESTURES IN HEALING PRACTICES IN INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRAZIL

Isa Lucia de Moraes^{1*}; José Ferreira Lopes Neto¹;
Silaine Ferreira Chaves de Souza¹; Carlos de Melo e Silva Neto²

Resumo:

A benzeção, concebida como uma atividade de cura, é uma prática de fé e pode ser caracterizada como primordialmente terapêutica, a qual se concretiza através de uma interação dual entre cliente (paciente com alguma enfermidade) e benzedor. Nessa interação, o benzedor desempenha um papel de intermediação entre o sagrado e o humano para se alcançar a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece. Neste contexto, esta pesquisa abrangeu a análise do perfil dos benzedores de Inaciolândia, Goiás, o levantamento das espécies vegetais utilizadas, as enfermidades tratadas, as orações e os gestos usados na benzeção. Os benzedores/as apresentaram idade entre 75 e 79 anos, baixo nível de escolarização formal, origem majoritariamente nordestina e religião católica. A espécie mais usada na benzeção foi a arruda. Houve um maior número de espécies vegetais e benzeção associada para o tratamento de “mau-olhado” e “quebranto”. Nove orações foram citadas, todas fortemente concebidas pelo catolicismo, com destaque para Pai Nosso, Ave Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus e orações espontâneas, sendo o principal gesto corporal o sinal da cruz. Assim, reforçamos as práticas como a benzeção como atividade de cura e fé dentre as comunidades no interior de Goiás, sendo relevante conhecer a comunidade para contribuir na manutenção dessa prática cultural.

Palavras-chave: Catolicismo. Etnobotânica. Sistemas Médicos Complexos Tradicionais. *Ruta graveolens*.

¹ Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste, Sede Quirinópolis *isamorais1@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Iporá.

70 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Abstract:

The practice of blessing, conceived as a healing activity, is a faith-based practice and can be characterized as primarily therapeutic, which is realized through a dual interaction between the client (patient with some illness) and the healer. In this interaction, the healer plays an intermediary role between the sacred and the human to achieve healing, and this therapy has as its main process the use of some type of prayer. In this context, this research encompassed the analysis of the profile of healers in Inaciolândia, Goiás, a survey of the plant species used, the illnesses treated, the prayers, and the gestures used in the healing rituals. Among the healers, there was a predominance of women, aged between 75 and 79 years, with low levels of education, of Northeastern origin, and Catholic. The most used plant species in healing rituals was rue. There was a greater number of plant species and associated healing rituals for the treatment of the evil eye and "quebranto" (bewitchment). Nine prayers were mentioned, all strongly rooted in Catholicism, with emphasis on the Lord's Prayer, Hail Mary, Holy Trinity, prayers in the name of Jesus, and spontaneous prayers, the main bodily gesture being the sign of the cross. Thus, we reinforce practices such as blessing as an activity of healing and faith among communities in the interior of Goiás, and it is relevant to know the community in order to contribute to the maintenance of this cultural practice.

Keywords: Catholicism. Ethnobotany. Traditional Complex Medical Systems. *Ruta graveolens*.

1. Introdução

A "benzeção" ou as "benzeduras" remontam ao período colonial no Brasil. Ela teria vindo da Europa, sendo prática comum desde a Alta Idade Média (MARIN e SCORSOLINI-COMIN, 2017). Souza (1986) descreve que era costume de camponeses levarem animais para a basílica para receberem a bênção do padre e, assim, livrarem-se de doenças e enfermidades. No âmbito da benzeção, a vivência é entendida como um ritual de proteção ou cura através da imposição de palavras e gestos. A benzeção possui origens muito anteriores ao cristianismo, sendo comum em religiões consideradas pagãs e em tradições populares de diversas culturas. Embora existam referências a bênçãos em textos bíblicos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o cristianismo institucionalizou e tentou monopolizar essa prática a partir da Idade Média, restringindo a autorização de bênçãos a padres e clérigos. Com o tempo, no entanto, práticas populares de benzeção resistiram e se difundiram entre leigos, principalmente em comunidades rurais e periféricas, preservando elementos de sincretismo religioso e tradições pré-cristãs (LINS, 2014).

Tais práticas, quando não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica, eram perseguidas e condenadas pela Igreja e pelo Estado. Ainda em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os ditos como "feiticeiros", os benzedores fossem ferrados com um "F" em ambas as faces (SOUZA, 1986). Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha

71 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

durante a União Ibérica (1580-1640), havia a ordem para que não se praticasse a benzeção sem a autorização da Igreja e do Estado (SOUZA, 1986).

Assim como outras manifestações de caráter religioso e espiritual, a benzeção consolidou-se no Brasil a partir do processo de colonização, quando práticas europeias foram introduzidas e reinterpretadas no contato com saberes indígenas e africanos. No entanto, registros apontam que rituais de cura e proteção similares já existiam há milênios entre os povos originários das Américas, revelando uma continuidade histórica de práticas ancestrais que transcendem a chegada dos colonizadores (MENDES e CAVAS, 2018).

A benzeção, nesse contexto, adaptou-se às novas dinâmicas sociais, preservando-se majoritariamente por meio da oralidade, da transmissão intuitiva e da prática cotidiana, perpetuando-se entre gerações como expressão de resistência cultural e espiritual. Atualmente, a ciência vem conferindo cada vez mais relevância às pesquisas que consideram a espiritualidade como importante elemento de saúde e bem-estar (MARIN e SCORSOLINI-COMIN, 2017).

Concebida como uma atividade de cura, a benzeção pode ser atribuída tanto em nível físico como espiritual e está disseminada em várias culturas (MOURA, 2011). Esta prática de fé pode ser caracterizada como primordialmente terapêutica, a qual se concretiza através de uma interação dual entre paciente-benzedor (MARIN e SCORSOLINI-COMIN, 2017). Nessa interação, o benzedor desempenha um papel de intermediação entre o sagrado e o humano para se alcançar a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece (MOURA, 2011).

Além disso, é usual o benzedor fazer uso de alguma parte de planta durante a benzeção. Na benzeção, as plantas simbolizam a energia vital: "o vegetal representa a unidade fundamental da vida, através das características cíclicas da existência: nascimento, maturação, morte e transformação" (PEREIRA e GOMES, 2018, p. 45). A medicina popular se sustenta na tradição oral subsidiada pelo uso de orações e plantas para curar o que é passível de cura através de tais meios (AZEVEDO e LEMOS, 2021).

Majoritariamente, as pessoas buscam a benzeção com o objetivo de curar, mitigar a dor ou a angústia com algo que lhes incomoda. Aquele que desenvolve a habilidade de benzeção - o benzedor - passa a ser compreendido como capaz de tratar, benzer e curar através de seus rituais de fé (LAPLANTINE e RABEYRON, 1989). Entretanto, essas práticas de cura ainda seguem estigmatizadas e invisibilizadas pelo modelo hegemônico de sociedade. Logo, a benzeção acontece, muitas vezes, de forma clandestina, em contextos permeados por preconceito, perseguição e marginalização, postos em curso tanto pelo Estado, através da força policial e de proibições jurídicas, como também pelas formas hegemônicas de saúde. Nas últimas décadas, os benzedeiros passaram a requerer, das instâncias públicas municipais e estaduais, o seu reconhecimento a fim de poderem realizar livremente suas atividades sem serem perseguidos como também ter suas práticas de cura acolhidas no sistema formal de saúde (WEDIG e RAMOS, 2020).

Paralelamente, os benzedeiros justificam a necessidade de conservar as áreas de vegetação nativa, de onde retiram plantas para serem usadas em suas práticas de cura e em seus rituais sagrados. Defendem também, a livre coleta dessas plantas medicinais e o acesso aos demais elementos da natureza em áreas privadas e públicas (WEDIG e

72 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

RAMOS, 2020). Os conhecimentos associados a suas práticas de cura são ancestrais, perpetuados de uma geração a outra e originados das relações que os benzedeiros estabelecem com a natureza (solo, plantas, olhos d'água que são fontes ou nascentes de água) e com santos populares (FACHEL, 1995).

Vale ressaltar que os benzedeiros realizam suas atividades em contextos econômico-sociais nos quais a população local, muitas das vezes, tem dificuldades de acesso à medicina convencional e, mesmo quando essa tem acesso mais imediato a hospitais e postos de saúde, não deixa de buscar o auxílio de cura e saúde na benzeção (WEDIG e RAMOS, 2020). Investigar os procedimentos e percursos que perfazem o universo dos benzedeiros mostra-se, portanto, uma forma de atribuir visibilidade a esse conhecimento tradicional, bem como discutir de que modo a tradição da benzeção e as práticas de medicina popular contribuem para a transmissão desse ofício e sua presença em determinadas comunidades como sinônimos de promoção de bem-estar e cura (MARIN e SCORSOLINI-COMIN, 2017).

Diante do exposto, esta pesquisa objetivou analisar o perfil dos benzedeiros de Inaciolândia, Goiás, o levantamento das espécies vegetais utilizadas, as enfermidades tratadas, as orações e os gestos que fazem parte da benzeção.

2. Materiais e métodos

2.1 Área de estudo

A presente pesquisa foi realizada com benzedeiros da área urbana do município de Inaciolândia, uma cidade interiorana localizada no sul do estado de Goiás, Região Centro-Oeste do Brasil (Figura 1). O perímetro urbano se encontra-se a 286 km de Goiânia. Inaciolândia possui uma área de 689,201 km² e, em 2022, a população era de 5.954 habitantes (IBGE, 2022). O município está inserido no domínio fitogeográfico do Cerrado, em uma região de intensa pressão antrópica. A exploração agrícola substituiu quase toda vegetação nativa, atualmente ocupada pela monocultura de cana-de-açúcar. Assim, a indústria sucroalcooleira consiste na principal atividade que sustenta a economia local e emprega a maioria dos moradores (observação pessoal).

73 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

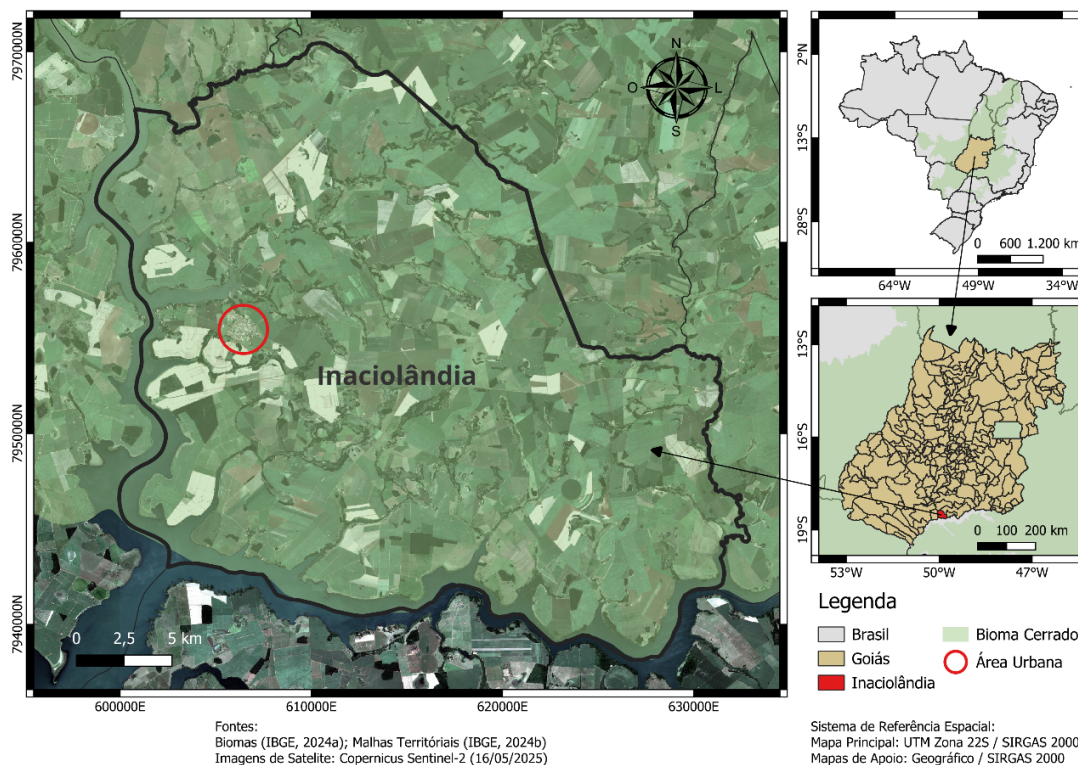


Figura 1: Mapa da localização do município de Inaciolândia, GO e área de estudo (círculo vermelho). (Fonte: Autores.)

2.2 Coleta de dados

A presente pesquisa foi registrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), sob o código A0F5D36. A Lei Federal nº 13.123/2015 regulamenta o acesso e a utilização do patrimônio genético brasileiro e do conhecimento tradicional associado (CTA), com o intuito de assegurar a proteção dos direitos das comunidades indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais (BRASIL, 2015). E, ainda, de acordo com as Resoluções CNS nº 510/2016 e nº 738/2024, pesquisas com seres humanos precisam ser avaliadas pelo sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) (BRASIL, 2016, 2025). Assim, esta pesquisa foi realizada sob os preceitos éticos destas resoluções e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n. 6.894.011).

O procedimento utilizado para descobrir e localizar os benzedeiros foi a técnica "bola de neve" (ALBUQUERQUE et al., 2010), método em que cada participante indica outros possíveis contribuintes. Na realidade de Inaciolândia, foram consultados dois benzedores conhecidos da região, no qual um indicou mais um e outro indicou mais dois, totalizando todos os benzedores da região. Após ser informado pelo objetivo da pesquisa e afirmando anonimato, o consentimento dos benzedores foi formalizado por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisa seguiu uma abordagem mista: qualitativa, descritiva e quantitativa, utilizando questionários semiestruturados (PEREIRA et al., 2018). Foi aplicado um roteiro de

74 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

entrevista semiestruturada composto por questões abertas e fechadas (Material Suplementar), voltadas para os benzedeiros da área urbana de Inaciolândia.

As entrevistas ocorreram com as seguintes pessoas (nomes fictícios para assegurar o anonimato) e datas, respectivamente: foram 5 pessoas, 3 mulheres e 2 homens, entre novembro de 2024 e maio de 2025. A entrevista abrangeu informações relacionadas à condição histórica, econômica, social, religiosa e aos saberes populares dos participantes. Foram amostrados dados como idade, local de nascimento, tempo de residência no município, estado civil, escolaridade, número de filhos e vínculo com a comunidade, bem como formas de retribuição pelos serviços prestados, sejam elas monetárias ou não. No tocante à dimensão religiosa, o roteiro abordou a filiação religiosa, frequência de participação em práticas religiosas, mudanças de religião ao longo da vida e a relação entre práticas religiosas e os conhecimentos tradicionais. A entrevista também incluiu questões sobre a aprendizagem do ofício (quem ensinou, com que idade, em que cidades já atuou), percepção da procura pelos seus serviços entre diferentes classes sociais e religiões, sentimentos durante os rituais, perseguições sofridas, transmissão do saber, entre outros. A respeito da benzeção investigou-se o conhecimento sobre os tipos de doenças tratadas, plantas utilizadas, gestos e orações durante a prática.

Com a autorização e presença dos participantes, amostras das plantas usadas na benzeção foram coletadas apenas de espécimes em estágio reprodutivo. A herborização do material coletado seguiu a metodologia usual. As angiospermas foram classificadas de acordo com o APG IV (THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP, 2016). A identificação das espécies foi realizada mediante consulta de literatura específica, sendo a principal fonte Lorenzi e Matos (2008). O material botânico foi depositado no acervo do Herbário José Ângelo Rizzo (JAR) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Os dados de *voucher*, distribuição geográfica, endemismo, *status* de conservação segundo a classificação do Apêndice CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção) (Speciesplus, 2026), quanto ao risco de extinção e nomenclatura científica foram obtidos através de consultas individuais de cada espécie no endereço eletrônico <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/> (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2025). Para as espécies exóticas foram utilizadas as informações do POWO (Plants of the World Online) (<https://powo.science.kew.org/>).

3. Resultados

No presente trabalho foram entrevistados três mulheres e dois homens benzedeiros de Inaciolândia (Quadro 1). Tanto a faixa etária dos benzedeiros quanto o tempo de atuação na benzeção são elevados. A idade média dos benzedeiros de Inaciolândia é de 69,4 anos, sendo o mais novo, com 42 anos, e a mais idosa, com 79 anos. A idade avançada dos benzedeiros também reflete nos anos de atuação dessas pessoas na atividade, com a média de atuação de 43 anos (Quadro 1). Quando questionados sobre o início de seu aprendizado, os entrevistados (as) disseram ter iniciado as práticas ainda jovens.

75 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Quadro 1: Caracterização dos benzedeiros de Inaciolândia, GO.

Nome fictício	Idade (anos)	Local de nascimento	Tempo em que reside em Inaciolândia	Tempo de atuação (anos)	Escolaridade	Estado civil	Religião	Atendimentos por mês
Nena (<i>in memoriam</i>)	79	Ituiutaba (MG)	36 anos	36	Ensino Médio	viúva	católica	20
Chica	78	São Vicente (RN)	54 anos	50	Sem escolaridade formal	viúva	católica	84
Maria	73	Santo Antônio (RN)	54 anos	54	Sem escolaridade formal	viúva	católica	84
José	75	São Tomé (RN)	54 anos	54	Sem escolaridade formal	casado	católico	720
Pedro	42	Itumbiara (GO)	42 anos	25	Ensino Superior	união consensual	umbandista	80

Fonte: os autores

Quanto ao nível de escolaridade dos benzedeiros de Inaciolândia houve variação, desde sem escolaridade formal (três entrevistados), o qual foi predominante, até o Ensino Superior (apenas um). A maior parte dos benzedeiros tem origem nordestina (Quadro 1). A análise dos atendimentos mensais realizados pelos benzedeiros (Quadro 1) evidencia uma expressiva heterogeneidade na quantidade de pessoas assistidas, variando de 20 até 720 atendimentos mensais, segundo informação relatada pelos próprios benzedeiros. Quando questionados se recebiam pelo atendimento, todos responderam que não.

Entre os cinco benzedeiros quatro se identificaram pertencentes à religião Católica e um umbandista, o qual se declarou como chefe religioso da mesma religião (Quadro 1). Para entender melhor quais plantas são as mais utilizadas durante os rituais de benzeção, foi questionado aos benzedeiros quais são as principais plantas envolvidas nessa prática. Foram citadas 10 espécies distribuídas em oito famílias e 10 gêneros (Quadro 2).

76 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Quadro 2 – Lista e caracterização das espécies de plantas (organizadas em ordem alfabética por família) que foram citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia, GO.

Família	Espécie	Nome vulgar	origem	Domínios fitogeográficos	Status de conservação	Voucher	Nº de citação	Parte da planta usada	Enfermidade tratada na benzeção	Oração associada	Gesto feito durante a benzeção
-	Qualquer ramo verde	-	-	-	-	-	5	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo, dor na coluna e espinhela caída	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus, Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações espontâneas e ou advindas de vozes	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago, sacudimento para retirar o mal e limpar o corpo da pessoa.
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	mentruz, erva-de-santa-maria	natu	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	1	3	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus, Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	cult				2	folhas e galhos jovens	males gerais do corpo e da alma	orações espontâneas	sacudimento
Asteraceae	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja	n	Ca, Ce, MA, Pa	NE		1	folhas	mau-olhado, quebranto, olho gordo	orações advindas de vozes	sinal da cruz pelo corpo
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	n	Ca, Ce, MA, Pa	NE	5	1	folhas	mau-olhado, quebranto, olho gordo	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo
Bignoniaceae	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	vassoura-de-santo-antonio, crajiru, pariri	n	A, Ca, Ce, MA, Pa, Pn	NE	20	1	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, vento virado em crianças	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo.
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-de-purga, pinhão-roxo	n	A, Ca, Ce, MA	NE	27	1	folhas e galhos jovens	males do corpo e da alma	orações espontâneas	sacudimento
Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	catinga-mulata, macassá	cult			15	1	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, vento virado em crianças	Pai-Nosso; Ave-Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus	sinal da cruz pelo corpo
Rutaceae	<i>Citrus × limon</i> (L.) Osbeck	limão	cult		NE		2	folhas e galhos jovens	males do corpo e da alma, mau-olhado, quebranto	Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações espontâneas	sacudimento, sinal da cruz pelo corpo
	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	cult		NE		4	folhas e galhos jovens	mau-olhado, quebranto, olho gordo, dor na coluna, espinhela caída	Divino Pai Eterno, a São José, a Santo Antônio, orações espontâneas e ou advindas de vozes	sinal da cruz, sinal da cruz na cabeça testa e estômago, sacudimento para retirar o mal e limpar o corpo da pessoa
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	cult				1	folhas	mau-olhado, quebranto	orações advindas de vozes	sinal da cruz na cabeça testa e estômago

Legenda: Origem = cultivada; n = nativa; natu = naturalizada. Domínio fitogeográfico: A = Amazônia; Ca = Caatinga; Ce = Cerrado; MA = Mata Atlântica; Pa = Pampa; Pn = Pantanal. Status de Conservação: NE = não avaliado. Fonte: os autores.

77 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Todos os benzedeiros mencionaram fazer uso de qualquer ramo verde, sem especificar nenhum táxon, para benzer contra as condições como “mau-olhado”, “quebranto”, dores na coluna, “olho gordo” e “espinhela caída” (Quadro 2). Segundo os próprios benzedeiros, a definição de cada uma dessas condições é 1. “mau-olhado”: a pessoa estar carregada de energias ruins oriundas de um olhar invejoso ou mal-intencionado; 2. “quebranto”: um estado de prostração, fadiga extrema e desânimo também oriundo de um olhar invejoso ou mal-intencionado ou até mesmo por admiração excessiva; 3. dores na coluna: dores físicas na coluna podendo ser de origem energética ou espiritual, mas também problemas de saúde; 4. “olho gordo”: inerente ao olhar da pessoa que faz o “mau-olhado”, ou seja, um olhar invejoso ou mal-intencionado, com desejo para que o objeto ou ser vivo em questão não tenha sucesso; e 5. “espinhela caída”: sensação de dor, cansaço extremo ou deslocamento na região do osso esterno; é avaliada pelo benzedor utilizando medidas corporais do paciente.

Entre as espécies usadas na benzeção, cinco são cultivadas (mangueira - *Mangifera indica* L.; catinga-mulata - *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng.; limão - *Citrus × limon* (L.) Osbeck; arruda - *Ruta graveolens* L. e açafrão - *Curcuma longa* L.), quatro são nativas (arnica - *Solidago chilensis* Meyen; carqueja - *Baccharis crispa* Spreng.; pariri - *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G.Lohmann e pinhão-roxo - *Jatropha gossypifolia* L.) e uma é naturalizada (erva-de-santa-maria - *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants). As espécies nativas e a naturalizada possuem ampla distribuição no Brasil e nenhuma possui o *status* de conservação avaliado (Quadro 2). A espécie mais citada para uso na benzeção entre os benzedeiros de Inaciolândia foi a arruda (Quadro 2).

Houve um maior número de espécies de plantas sendo usadas para o tratamento de mau-olhado e “quebranto (ou quebrante)” (90%, n = 9, cada) (Figura 2).

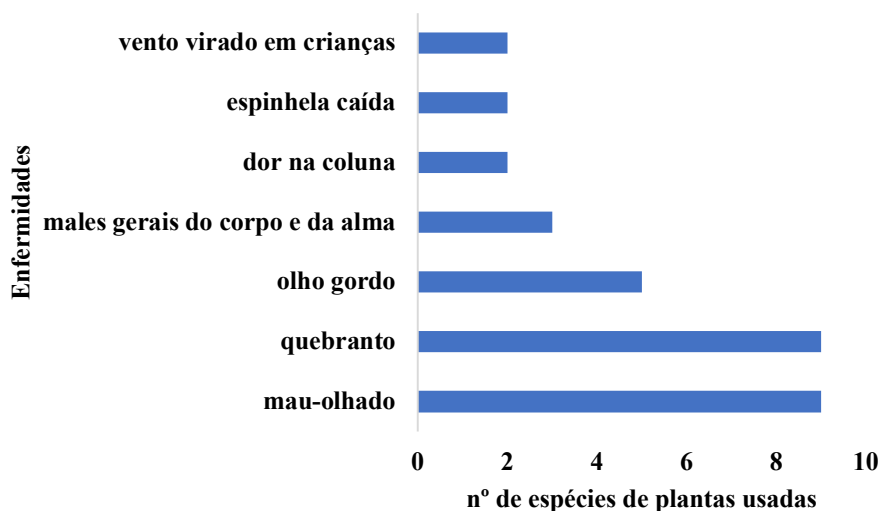


Figura 2: Número de espécies de plantas citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia, Goiás, de acordo com as enfermidades.

Os benzedeiros de Inaciolândia citaram nove orações para a prática da benzeção (Quadro 2; Figura 3). As orações que mais estiveram presentes durante a benzeção foram Pai Nosso, Ave Maria, Santíssima Trindade, em nome de Jesus e espontâneas, sendo essa última, palavras e cantigas autorais de cada benzedor (Figura 3).

78 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

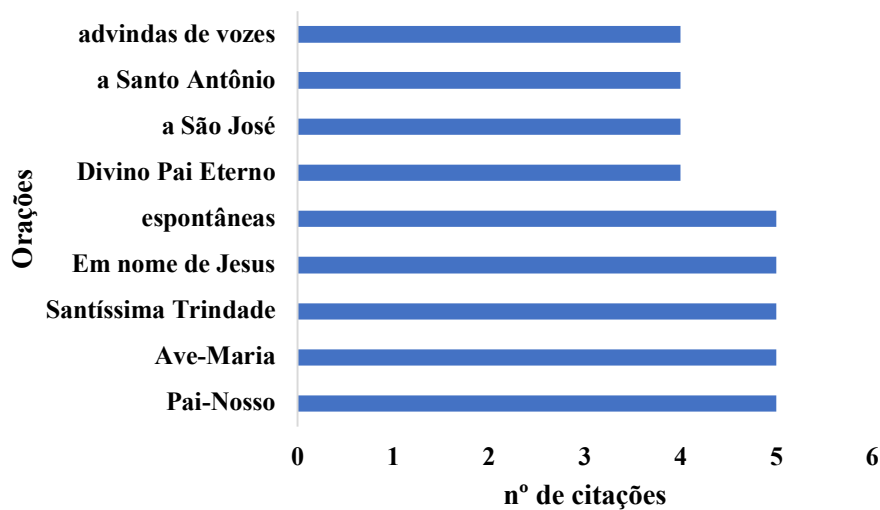


Figura 3: Número de citações das orações conduzidas pelos benzedeiros de Inaciolândia, Goiás, durante a benzeção.

No ritual da benzeção estão presentes, além das orações e uso de objetos como algum ramo verde, os gestos corporais dos benzedeiros. Entre os 11 tipos de plantas citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia, de acordo com a enfermidade do corpo e espírito a ser tratada, eles citaram dois gestos para a realização da benzeção: sinal da cruz (n = 9) e “sacudimento do corpo do enfermo” (prática em que o benzedor sacode ou agita, repetidas vezes, a pessoa que está sendo benzida) (n = 5) (Quadro 2).

A maioria dos benzedeiros faz o sinal da cruz com o ramo empunhado e tocando, com ele, o enfermo. Entre as orações citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia estão duas menos conhecidas. A oração a São José que diz:

“São José, esposo da Virgem Maria, rogai por nós. Ó glorioso São José, a quem foi dado o poder de tornar possíveis as coisas humanamente impossíveis, vinde em nosso auxílio nas dificuldades em que nos achamos. Tomai sob a vossa proteção a causa que vos confiamos, para que tenha uma solução favorável”;

e a Santo Antônio:

“Glorioso Santo Antônio, que espalhais ternura e bondade, olha por mim. Peço-te, com fervor, por [nome da pessoa] que está doente. Suplico-te que obtenhas o dom da cura ou, pelo menos, que sejam aliviados os seus sofrimentos e que ela tenha a força de oferecê-los a Deus, em união com a Paixão de Cristo. Tu, que na tua vida terrena foste amigo dos que sofrem, fica a nosso lado com tua proteção, consola o nosso coração e faze que nossos sofrimentos sejam fonte de merecimento para a vida eterna. Amém”.

4. Discussão

As práticas e praticantes de benzeção da região de Inaciolândia, GO, demonstram a atividade de cura e fé dentre as comunidades no interior de Goiás, sendo relevante conhecer a comunidade para contribuir na manutenção dessa prática cultural. A atuação feminina na prática da benzeção pode ser compreendida à luz do papel historicamente atribuído às mulheres no cuidado espiritual e emocional das comunidades, reforçado por vínculos com a religiosidade popular e práticas de cura simbólica (ILHEO, 2024; PEREIRA e MARUYAMA, 2024).

A faixa etária dos benzedeiros e o tempo de atuação na benzeção elevados corroboram que grande parte de suas vidas foi dedicada à prática da benzeção. Na busca pelos benzedeiros de Inaciolândia (cidade pequena em que todos são conhecidos), os próprios benzedeiros foram os informantes de quem eram os benzedeiros. Dessa forma, a faixa etária majoritária de pessoas acima de 75 anos corrobora a ausência de sucessores aos benzedeiros, haja vista que não foi indicado jovens aprendizes atuantes na benzeção.

As pesquisas sobre a tradição da benzeção tem demonstrado que ela está fortemente ancorada em gerações mais velhas (AZEVEDO e LEMOS, 2021; SOUZA et al., 2021; SOUSA e MONTEIRO, 2023). Tal fato representa um processo de descontinuidade. A escassez de jovens praticantes indica que esse saber ancestral está em risco de desaparecer, caso não sejam adotadas estratégias de valorização e transmissão intergeracional (SOUZA et al., 2021). Assim, a benzeção, enquanto manifestação cultural e espiritual, encontra-se ameaçada pela falta de sucessores que deem continuidade a esse legado e pela diminuição do número de pessoas que buscam a cura por esses especialistas, dando preferência pelos profissionais das unidades básicas de tratamento (PEREIRA e MARUYAMA, 2024).

A cultura da benzeção já era praticada há muito tempo pelos povos originários do Brasil, como os indígenas. No entanto, com a chegada dos portugueses e o início da escravidão de povos africanos, essa tradição se expandiu entre os escravos, que não tinham acesso aos cuidados de saúde da época. Diante dessa realidade, recorreram ao uso de plantas medicinais e rituais religiosos em busca de cura e proteção. Essas práticas tiveram suas origens iniciadas no Nordeste e difundidas por todo Brasil, junto com as tradições e costumes (MENDES e CAVAS, 2018).

A prática de benzer se dá desde a infância, período em que a criança aprende com seus pais ou avós o ato de benzer. A oralidade é o meio de propagação das orações e dos rituais realizados pelos benzedeiros em suas benzeduras. Desde jovem, ou quando de sua iniciação, o aprendiz em formação tem a tarefa de memorizar as rezas e ritos com a anciã ou ancião que lhe “escolhe” para sucedê-lo por afinidade. Escolhe no sentido de que a anciã sente aproximar-se a idade avançada e perder algum tipo de energia e transmite seus conhecimentos ao parente ou pessoa próxima que demonstra interesse em aprender tais ensinamentos. A esse é denominado de “escolhido”. O escolhido, muitas vezes, é aquela criança que imita o ato de benzer em suas brincadeiras e à medida que vai crescendo, vai aprendendo com os mais velhos. Sobre este tema, na pesquisa de Lima (2020), os benzedeiros não têm uma única fonte de aprendizagem. Eles buscam nos

80 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

benzedeiros mais experientes sua fonte de inspiração e de conhecimentos. Nas palavras do autor:

a aprendizagem do ofício de benzeção não vem de uma única fonte, ou seja, uma única mestra com quem as rezas e jaculatórias para curar ao mesmo tempo. Tal percepção nos leva a supor que a aprendizagem é um processo lento e gradual, jamais acabado. Isso porque a benzeção, como qualquer outra prática cultural, está em constante renovação e transformação, fazendo com que estas terapeutas acrescentem novas rezas ou jaculatórias ao seu “acervo de benzimento” ao longo do tempo (LIMA, 2020, p. 50).

Nesse sentido, cada benzedor tem sua própria visão ou compreensão em relação à prática com um propósito diferente. O que vai influenciar essa visão é a comunidade na qual ela está inserida e foi moldada. Alguns veem as rezas como uma missão de vida, que lhes foi atribuída com intuito de auxiliar as pessoas que necessitam de sua ajuda. Essa visão também é intrínseca à religiosidade do benzedeiro. Outros tem o conhecimento da prática. No entanto, não exercem devido ao preconceito ou se escondem, atendendo na surdina, de forma seletiva os clientes para que a notícia o identificando como benzedeiro seja disseminada na comunidade local. O enfrentamento do preconceito na prática existe desde a inquisição da Igreja, que via as rezas como algo profano (PIMENTEL e SILVA, 2022). Porém, ele ainda persiste em dias atuais, não só na Igreja Católica, mas também em religiões protestantes que pregam que tais ritos são manifestações do mal e que prejudicam as pessoas (BRAGA e SILVEIRA, 2022).

A discrepância no número de atendimentos por mês entre os benzedeiros pode estar relacionada a fatores como a idade, o tempo de atuação, a reputação construída na comunidade e a disponibilidade de cada benzedeiro para exercer a prática (AZEVEDO, 2015). Observa-se que, embora alguns mantenham uma atuação mais restrita, outros chegam a atender centenas de pessoas, o que indica tanto a alta demanda social por esse tipo de cuidado quanto a centralidade de certos indivíduos na manutenção dessa tradição. Tais diferenças quantitativas reforçam que a prática da benzeção não é uniforme, mas responde a dinâmicas próprias de cada contexto, podendo refletir tanto a procura comunitária quanto o papel de liderança espiritual desempenhado por alguns benzedeiros (Dias et al. 2017).

O predomínio do catolicismo entre as religiões dos benzedeiros é corroborado por outras pesquisas, assim como o fato de todos os benzedeiros possuírem um vínculo com algum tipo de crença ou religião (FÉLIX e GOULART, 2017; NASCIMENTO e SILVA, 2019; AZEVEDO e LEMOS, 2021; SOUZA et al., 2021; BERNARDES, 2023; SOUSA e MONTEIRO, 2023). A influência religiosa na prática da benzeção é uma junção da pajelança indígena, dos cultos afros, do catolicismo lusitano e do conhecimento popular obtido através da vida cotidiana. Essa junção propicia aos benzedeiros um recurso para a cura de enfermidades e para as necessidades religiosas do indivíduo (PIMENTEL e SILVA, 2022; PEREIRA e MARUYAMA, 2024). Em uma pesquisa com benzedeadas de Quirinópolis, município que dista cerca de 50 km de Inaciolândia, constatou-se que as práticas que

81 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

permeiam o cotidiano das benzedadeiras estão arraigadas à tessitura da cultura, da medicina e do catolicismo populares. Nessa vertente, da cultura oficial emerge a cultura popular e, de ambas, insurgem a religião e as diversas manifestações religiosas, incluindo aqui a religiosidade popular, da qual vão decorrer tanto o catolicismo quanto a medicina popular (AZEVEDO e LEMOS, 2021).

Merece destacar que, em alguns casos, como ocorre em Inaciolândia, os benzedeiros acumulam ainda o ofício de raizeiro, devido aos seus conhecimentos inerentes ao uso das plantas no tratamento de diversas enfermidades (ILHEO, 2022).

O perfil dos benzedeiros de Inaciolândia é corroborado por uma revisão sistemática de Pereira et al. (2023). A compilação de dados feita por estes autores, com estudos publicados entre os anos de 1990 a 2020, também há o predomínio de mulheres mais velhas, variando entre os 39 e 91 anos de idade, com baixos níveis de escolaridade, pertencentes à religião católica, em sua maioria.

A maioria dos benzedeiros, sendo de religião católica, pratica suas orações invocando o nome de Jesus Cristo e outros santos (SOUZA et al., 2021). Geralmente os benzedeiros agem isoladamente, inclusive da Igreja Católica, nunca em conjunto ou congregação, o que lhes assegura certa autonomia ritual e religiosa. Com isso, a afinidade entre as práticas das benzedadeiras e o catolicismo, culturalmente popular, é intrínseca e está imbuída no cotidiano desde as primeiras manifestações humanas no mundo (AZEVEDO e LEMOS, 2021), assim como o uso de plantas.

No catolicismo o uso de plantas está presente na ornamentação do altar e na composição de óleos litúrgicos. O óleo litúrgico, utilizado em vários sacramentos, é tradicionalmente composto por azeite de oliva e, no caso do Santo Crisma, também por bálsamo. Os óleos litúrgicos são símbolos de paz, alimento, suavidade, alegria, saúde e força. Eles representam a ação do Espírito Santo nos sacramentos, conferindo cura, fortaleza e graça aos fiéis (CRUZ, 2019).

Além disso, o uso de plantas está presente de forma marcante em alguns momentos no calendário oficial católico. Entre eles, está o Domingo de Ramos, momento em que se dá o início da Semana Santa, no domingo que antecede a Páscoa. No Domingo de Ramos os fiéis levam para a missa ramos, principalmente com folhas de palmeiras. Essa data celebra a entrada de Jesus em Jerusalém, momento em que o povo usou ramos para saudar Jesus como um rei. Assim, os fiéis simbolizam o povo durante a missa do Domingo de Ramos levando algum tipo de folhas grandes e alongadas, imitando a saudação feita pelo povo a Jesus. Na tradição católica os fiéis e os galhos de plantas são benzidos pelo Padre durante a cerimônia do Domingo de Ramos. Parte desses ramos, são desidratados e queimados, o que resulta no material para ser usado na celebração da Quarta-feira de Cinzas da semana santa do ano seguinte (ILHEO, 2024). Alguns fiéis levam para casa os ramos das plantas e estas se tornam amuletos que os protegem até o mesmo período do próximo ano.

Outro uso de plantas em rituais pela igreja católica está na defumação. Na igreja católica, a defumação, utilizando incenso, é um rito litúrgico com significado simbólico profundo.

82 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

O incenso purifica os espaços e objetos sagrados, assim como aqueles que são incensados, como o altar, as relíquias, os objetos sagrados e até mesmo os fiéis. O incenso é usado em vários momentos da missa, como na procissão de entrada, na incensação do altar, do Evangelho, das oferendas, e na elevação da hóstia e do cálice após a consagração. A defumação na Igreja Católica é um rito rico em simbolismo, que eleva as orações, purifica e cria uma atmosfera de reverência e conexão com o divino (FERREIRA, 2026). O incenso, usado na defumação pela igreja Católica, é feito principalmente de resinas aromáticas, como olíbano (obtido de árvores africanas e asiáticas do gênero *Boswellia* Roxb. (Burseraceae)) e mirra (resina extraída da árvore *Commiphora myrrha* (Nees) Engl. (Burseraceae), nativa do nordeste da África e da Península Arábica) (VELLOSO e BRAIGA, 2019), que podem ser misturadas com outras substâncias naturais para criar fragrâncias específicas. Essas resinas são queimadas em um turíbulo, um recipiente metálico suspenso por correntes, sobre brasas de carvão.

Neste contexto, muitos benzedeiros utilizam ramo de plantas na benzeção, o que simboliza a passagem de Jesus Cristo no monte das Oliveiras, e, portanto, a simbologia de que a planta representa a conexão com o sagrado (PEREIRA e MARUYAMA, 2024). Há, ainda, o mito da árvore primordial que se repete na oliveira para Israel, na árvore da vida para o Éden e está presente no tipo de ramo utilizado no chá ou benzedura (AZEVEDO e LEMOS, 2021). Percebe-se, assim, que o uso de plantas, nesta conjuntura, o qual está associado à benzedura, transcende a religião católica, predominante entre os benzedeiros de Inaciolândia, estando o seu uso imbuído em ações terapêuticas incluídas no domínio da medicina popular.

Na benzeção as plantas são empunhadas e correlacionadas às ações curativas, direcionando suas capacidades de puxar os diferentes males (ILHEO, 2022). Isto está presente, por exemplo, no ato popular entre os brasileiros quanto ao plantio de espécies como espada-de-são-jorge e espada-de-santa-bárbara (diversas espécies de *Dracaena* Vand. ex L.) para servir de proteção de locais de trabalho ou residências, neutralizando qualquer força que possa causar malefícios, haja vista que existe a crença de que as plantas atraem para si esses malefícios. Dessa forma, as plantas servem, de forma geral, para curar alguns problemas que se alojam no corpo das pessoas com o propósito de atraí-los para fora dele; ao puxar para si, as plantas acabam com a situação de sofrimento das pessoas envolvidas.

Esse exemplo, explica o uso das plantas, haja vista que elas podem potencializar o ritual de benzimento, trabalhando junto com as palavras e os gestos de quem benze. Após a benzeção, para que o problema não volte faz-se necessário encerrar o ritual jogando as plantas em água corrente ou então as queimando e deixando as cinzas ao vento. Feito isso, o ciclo da enfermidade tratada na benzeção se torna o mesmo que o da planta. Para a benzeção serve qualquer galho ou ramo de planta recém-colhido (ILHEO, 2024), embora, os benzedeiros façam uso de algumas espécies específicas de acordo com a enfermidade a ser tratada, como veremos mais adiante.

Muitos dos estudos etnobotânicos associados à benzeção, as espécies são citadas apenas por nomes vulgares e não abrangem a coleta de material testemunho e inserção no acervo de um herbário. Isso dificulta a possibilidade de comparar com acurácia se são as mesmas espécies amostradas no presente estudo.

83 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

O ramo verde abrange as folhas e parte dos galhos jovens. Logo, a parte da planta mais usada na benzeção foram as folhas e galhos jovens (Quadro 2), aspecto favorável para manutenção da planta, haja vista que a retirada apenas de ramos não leva o indivíduo à morte.

O uso de um ramo verde, sem definição de uma espécie está presente em outras pesquisas (NOGUEIRA et al., 2012; NASCIMENTO e SILVA, 2019; AZEVEDO e LEMOS, 2021). Os benzedeiros utilizam os símbolos da cultura, valem-se daquilo que é vivenciado e expressam o sentido religioso. O uso do ramo verde na benzeção é uma prática cultural e religiosa que envolve fé, crenças e simbolismos. O ramo verde é usado para afastar energias negativas, promover a limpeza espiritual e até mesmo para auxiliar na cura de males físicos, como feridas ou dores. As características cor verde e o fato de ser um ramo vivo representam a renovação da vida e a capacidade de cura.

O ramo verde pode ser usado para fazer o sinal da cruz no corpo da pessoa que está sendo benzida, enquanto se rezam orações específicas. Em algumas benzeduras, como no cobreiro e erisipela, o ramo verde, muitas vezes acompanhado de uma faca, simboliza o corte da doença e do mal (NOGUEIRA et al., 2012).

Em casos de “mau-olhado”, o ramo verde pode ser usado para benzer a pessoa, e em algumas práticas, o ramo é descartado em local separado, simbolizando a transferência do mal para o ramo, que então seca e com ele a doença. Assim como definido na apresentação dos resultados, o “mau-olhado” abrange um olhar que mistura admiração, inveja e sentimento ruim de destruir aquelas características positivas contempladas. É algo que é causado pela fixação do olhar por seres humanos que possuem sentimentos negativos (BERNARDES, 2023), podendo atingir pessoas de qualquer idade, bem como plantas e animais. O mau-olhado é adquirido quando uma pessoa foi admirada sob os aspectos humanos como beleza, forma física, inteligência, entre outras. Os sintomas do mau-olhado são: sensação de corpo pesado; cansaço extremo; indisposição ou falta de ânimo; sonolência e bocejar frequentemente. Segundo a tradição ou crença o mau-olhado pode debilitar a pessoa de tal forma que, se ela não for benzida, pode vir a óbito. Assim, nas narrativas de alguns benzedeiros, para benzer de mau-olhado, usa-se um ramo verde e faz a oração debaixo de uma árvore (SILVA, 2012).

Nos relatos feitos pelos benzedeiros de Inaciolândia, a aplicação terapêutica das plantas, na cura de vários tipos de enfermidades do corpo e espírito, é evidente e demonstra, assim, uma relevância místico-cultural e uma estreita ligação entre as pessoas e as plantas.

A arruda (*Ruta graveolens* L.), espécie mais citada como usada na prática da benzeção neste estudo, é originária do sul da Europa e do norte da África, pode ser um subarbusto ou arbusto, verde-acinzentado. Apresenta odor forte, principalmente quando são maceradas suas folhas (LUO et al., 2008). É comum ser cultivada nos jardins, hortas ou quintais das residências brasileiras. Serve para evitar que a desgraça atinja a casa e seus moradores (MACIEL e GUARIM-NETO, 2006). Dessa forma, tem alto emprego na medicina popular, através do uso de seus ramos para exorcizar a energia negativa ou ruim (ALMEIDA, 2011; ORLANDA, 2011;).

84 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Na benzeção o ramo de arruda é usado para aspergir água na pessoa que está sendo benzido, purificando-o pela derrota do mal. As enfermidades tratadas com a arruda abrangem dor de cabeça, cisco no olho, “quebranto” e “mau-olhado”. O “quebranto” é definido como desfalecimento, prostração, quebramento de corpo. É o resultado do feitiço pela fascinação, à distância, sem a coisa-feita, o ebó intermediário, a muamba ou mandinga (LOPES e VASCONCELLOS, 2006; REIS e COUTO, 2022). Trata-se de uma enfermidade oriunda de uma admiração que uma pessoa apresenta pela outra sobre qualquer aspecto. Tem alta incidência em crianças (embora ocorra também em adultos) devido ao fascínio de que as admira pelas brincadeiras, alegria, inocência, naturalidade, sinceridade e beleza que eles esboçam.

Segundo a fé ou credence popular, as folhas dos ramos de arruda usados para benzer murcham porque recebem o malefício que estava no doente (PEREIRA e GOMES, 2018). O mesmo ocorre com a planta cultivada nas residências quando se recebe uma visita que destina o mau olhado para os moradores da casa (LOBATO et al., 2017). Neste caso, a planta protege os moradores e absorve para si o “mau-olhado”, murchando em seguida.

A arruda está entre as espécies mais usadas pelos benzedores nas diversas realidades do interior do Brasil, inclusive em outras comunidades em região de transição Amazonia-Cerrado em Juruena (MT), sendo preparada macerada na água, em garrafada e chá e indicada para o tratamento pós-parto, lavar os olhos e verminoses (MACIEL e GUARIM-NETO, 2006). A indicação da arruda geralmente não é para a cura física e, sim, para prevenção de males além-físico. A arruda é usada em alguns benzimentos para afastar “mau-olhado”, inveja, ganância e desespero (NOGUEIRA et al., 2012).

Entre as benzedoras de Quirinópolis a arruda foi citada tanto seu uso isoladamente como em combinação com outras espécies. Entre as plantas comumente utilizadas para a prática da benzeção: arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.), mirra (*Tetradenia riparia* (Hochst) Codd.), pé-de-perdiz (*Croton antisiphiliticus* Mart.), algodão-branco (*Gossypium* spp.), velasco (*Verbascum thapsus* L.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), poejo (*Mentha pulegium* L.), hortelã (*Mentha* spp.) e boldo (*Plectranthus* spp.) (AZEVEDO e LEMOS, 2021). Nas casas das benzedoras, mas também em outras residências no Brasil, é comum encontrar um vaso na entrada com plantas, como comigo-ninguém-pode, guiné ou arruda, com a função de proteção do lar, de afastar “mau-olhado” (MACIEL e GUARIM-NETO, 2006). Em pesquisa realizada na Zona da Mata de Minas Gerais a arruda foi a mais utilizada pela comunidade, sendo atribuída a esta planta tanto o poder de curar enfermidades, quanto o de proteção contra “mau-olhado”, bastando, para se proteger, colocar um pequeno ramo atrás da orelha (LOPES e VASCONCELLOS, 2006).

O “quebranto” e o “mau-olhado” também foram as enfermidades mais tratadas por benzedores em outras pesquisas (LOPES e VASCONCELLOS, 2006; MACIEL e GUARIM-NETO, 2006; MEDEIROS et al., 2013; FÉLIX e GOULART, 2017; AZEVEDO e LEMOS, 2021; PIMENTEL e SILVA, 2022; BERNARDES, 2023; PEREIRA et al., 2023; SOUSA e MONTEIRO, 2023). Estas enfermidades são tão relevantes que existem benzedores que só tratam “quebranto” e “mau-olhado” (AZEVEDO e LEMOS, 2021). Dessa forma, consistem nas enfermidades espirituais mais comuns em crianças, principalmente, em recém-nascidos e bebês, período em que as mães, cuidadoras ou avós procuram muito a prática

85 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

dos benzedeiros (MEDEIROS et al., 2013).

A preocupação com o “quebranto” e “mau-olhado” na fase inicial da vida dos bebês é tão grande que existe uma tradição no Brasil das mães vestirem os bebês, ao saírem do hospital, após o nascimento, com vestimenta vermelha para livrá-los do “quebranto” e “mau-olhado”. Para os benzedeiros entrevistados, para ambas as enfermidades, a criança e ou bebê fica mais irritada, chorona, birrenta, agitada e ruim para comer e dormir, ou seja, com suas rotinas cotidianas alteradas. Essas enfermidades ocorrem porque alguém colocou um olho ruim sobre a criança ou admirou demais a beleza da criança (no caso dos pais, avôs, entre outros parentes). Logo, estas enfermidades podem ser causadas por uma pessoa desconhecida ou algum parente, como os pais. A crença é de que quanto maior o grau de parentesco, pior é, no caso do “quebranto” (LOPES e VASCONCELLOS, 2006). Dessa forma, pode-se inferir que a alta procura para o tratamento do “quebranto” e mau-olhado em bebês ou crianças pode explicar a predominância de citações de benzeção e o uso de plantas associadas para estas enfermidades.

Todas as orações citadas pelos benzedeiros de Inaciolândia são fortemente concebidas pelo catolicismo. A essência da benzeção é a cura concebida pela palavra, oração, na qual os benzedeiros atuam como intermediários entre Deus e aquele que busca a recuperação da saúde (REIS e COUTO, 2022). As orações geralmente são constituídas pela seguinte composição: louvação, solicitação/pedido e agradecimento (TRAVAGLIA, 2007). De acordo com uma benzedeira de Uberlândia:

“para cada mal existe uma reza própria, mas todas devem ter o Pai Nosso e a Ave Maria. Para ser um bom benzedor, ela ensina, além do dom, do poder dado por Deus, é preciso ter muita fé e religiosidade. Deve-se rezar todo dia e crer muito em Deus” (NERY, 2006, p. 12).

A oração do Pai Nosso esteve presente em todas as benzeções em estudo realizado com benzedeiros de Patrocínio, Minas Gerais. Entre esses benzedeiros, a prática da benzeção acontece na esfera religiosa, eminentemente católica. A maioria dos benzedeiros assumiu-se como católica, o que foi confirmado por suas preces empreendidas, cujos teores são próprios da religião católica, tais como as orações da Ave Maria e do Credo e da invocação dos santos (FÉLIX e GOULART, 2017). Nas benzeções é usual rezar o Pai Nosso, Creio em Deus Pai, Ave Maria, Salve Rainha, A Estrela do Céu, os Sete Matrimônios, entre outras orações. Pode-se, ainda, rezar o terço mediante necessidade apresentada pela situação (CALHEIROS, 2018).

A oração em nome de Jesus é o reconhecimento dos benzedeiros pelo poder do nome de Jesus, alinhando a prática da benzeção com a vontade de Deus, e não apenas adicionando a frase “em nome de Jesus” ao final de uma oração. Isso implica pedir com fé e confiança na autoridade e nos méritos de Jesus, buscando a vontade de Deus e a sua glória, e não apenas satisfazer desejos pessoais. Na benzeção em nome de Jesus, os benzedeiros buscam a intercessão e o apoio de Cristo, cujos méritos e sacrifício são reconhecidos.

Os santos são considerados pessoas que viveram à parte das pessoas comuns e das vivências profanas. Assim, dissociados da materialidade física, para o universo cristão.

86 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Os santos são compreendidos como mediadores, ou seja, por meio deles é possível alcançar graças junto a Deus, nesse caso, a cura.

No ritual da benzeção estão presentes os gestos corporais dos benzedeiros. O sinal da cruz é um gesto ritual, principalmente entre os cristãos, que simboliza a fé em Jesus Cristo e a crença na Santíssima Trindade. É feito traçando uma cruz no corpo, geralmente da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito, acompanhado pela invocação "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Ao fazer o sinal da cruz a mão na testa representa o céu e a sabedoria divina; no peito simboliza o coração de Jesus e o amor infinito de Deus; nos ombros (do esquerdo ao direito) o poder de Deus e o Espírito Santo. A cruz em si representa o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, que é a base da fé cristã e da salvação. O sinal da cruz é a invocação da Santíssima Trindade. A invocação "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" reconhece a unidade e a trindade de Deus. É usual entre os cristãos fazer o sinal da cruz como um ato de proteção divina contra perigos e males.

A benzeção geralmente tem início com o gesto do benzedeiro fazendo o sinal da cruz, e, em seguida, realizando as orações junto enfermo (CALHEIROS, 2018). Tais gestos podem ocorrer de cima para baixo realizando um único sinal da cruz repetidas vezes ou vários sinais da cruz em várias partes do corpo numa sintonia entre as rezas e o que se quer curar por meio da benzeção.

5. Considerações finais

Os benzedeiros de Inaciolândia, Goiás, iniciaram a prática da benzeção ainda jovens e possuem grande parte das suas vidas dedicada ao ofício de curar as pessoas. A benzeção mantém viva uma prática que articula fé, natureza e cuidado. Embora algumas espécies tenham sido mais citadas, destacando-se a relevância místico-cultural de plantas exóticas e a reduzida participação de espécies nativas, a relação dos benzedeiros com as plantas não depende da espécie em si. O uso das plantas é pensado no contexto da conexão com a natureza e com o místico, sendo qualquer ramo verde capaz de participar do processo de cura quando associado às orações e aos gestos da benzeção. Dessa forma, a benzeção, enquanto manifestação cultural e espiritual, revela um sistema de conhecimentos que transcende a importância de espécies e valoriza a relação entre pessoas, plantas e fé. Considerando o envelhecimento dos praticantes e a falta de sucessores, torna-se fundamental ampliar a valorização desses detentores do conhecimento tradicional e sensibilizar a sociedade para a perpetuação desse legado.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de mestrado CAPES/DS da autora SFSC. O autor CMSN agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a continuidade da bolsa de produtividade em pesquisa.

87 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

Referências

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. *In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiologia e Etnoecológica*. Recife, PE: NUPPEA, 2010. p. 41–64.

ALMEIDA, M. Z. A cura do corpo e da alma. *In: Plantas Medicinais*[online]. EDUFBA, Salvador, ed. 3, p. 68-143, 2011.

AZEVEDO, G. X. A geografia das benzedeadas no município de Quirinópolis, Goiás. **Revista Mirante**, v. 8, n. 2, p. 67–78, 2015.

AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Um olhar sobre as benzedeadas do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular. **Estudos de Religião**, v. 35, n. 3, p. 115–152, 23 jul. 2021.

BERNARDES, M. E. No liminar dos mundos: religiosidades, representações e vivências no catolicismo popular em Caldas, Sul das Minas Gerais. **Temáticas**, v. 31, n. 61, p. 50–80, 2023.

BRAGA, A. N.; SILVEIRA, C. da. A arte de benzer e seus processos de (re) construção a partir do olhar dos curandeiros (Tefé–AM). *In: HOLANDA, Y. L. (Org.). Escritos sobre História: Ensino e itinerários de pesquisa no interior da Amazônia*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 168-183.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto no 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória no 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 95, p. 1-6, 21 jan. 2015.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 153, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRASIL. Resolução nº 738, de 7 de novembro de 2024. Dispõe sobre o uso de bancos de dados com finalidade de pesquisa científica envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 163, n. 15, p. 178-179, 22 jan. 2025.

CALHEIROS, K. R. J. A cura através da fé: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. **Revista Fórum Patrimônio**, v. 9, n. 2, 2018.

88 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

CRUZ, Dom Washington. Creio no Espírito Santo: Meditação sobre a vida no Espírito. Goiânia: Dicon, 2019.

DIAS, V. F.; ALMEIDA, S. A.; SILVA, A. M.; MORAIS, A. M.; HONDA, R. R. Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga do Prata Goiás: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 2, p. Facit Business and Technology Journal, 2017.

FACHEL, J. F. **Monge João Maria; recusa dos excluídos**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Universidade Federal do Sul, 1996.

FELIX, R. L.; GOULART, C. Gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo. **Olhares & Trilhas**, v. 19, n. 2, p. 315–346, 2017.

FERREIRA, I. N. **Plantas Mágicas e Litúrgicas no Brasil**. Recife, PE: Publicação Independente, 2026. 156p.

Flora E Funga Do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>>. Acesso em: 20 Mar 2026.

Speciesplus, 2026. CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção. Disponível em: <https://www.speciesplus.net/>. Acesso em: 27 Mai 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE CIDADES: panorama de Inaciolândia, GO**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/inaciolandia/panorama>>. Acesso em: 20 mar. 2026. ILHEO, M. C. **Benzimento em movimento: materialidade, bençãos e curas no Sul de Minas Gerais**. São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular; Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2022.

ILHEO, M. C. Nas encruzilhadas do saber: o poder das plantas e sua presença na medicina popular sul-mineira. **Temáticas**, v. 32, n. 63, p. 220–256, 2024.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P-L. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LIMA, S. **Benzedeadas - fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde**. São Paulo: Editora Dialética, 2020.

LINS, D. A. S. A prática da benzeção em Santa Maria: a sabedoria popular de cura no contexto contemporâneo (1950-2000). **Oficina do Historiador**, p. 931–948, 2015.

LOBATO, G. J. M.; LUCAS, F. C. A.; MORAES JUNIOR, M. R. de. Estética, crenças e ambiência: as representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos de Abaetetuba-Pará. **Ambiência**, v. 13, n. 1, 2017.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103–27, 2006.

89 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

LORENZI, H.; JOSÉ, F. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, n. 3, p. 61–77, dez. 2006.

MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 446–460, jun. 2017.

MEDEIROS, R. E. G.; NASCIMENTO, E. G. C.; DINIZ, G. M. D.; ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1339–1357, dez. 2013.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. Benzedeadas e benzedeados quilombolas: construindo identidades culturais. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 1, p. 3–14, 2018.

MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, p. 340–369, 2011.

NASCIMENTO, L. P.; SILVA, G. S. Patrimônio e Cultura: a arte de benzer em Paracatu. **Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)**, v. 16, p. 361–374, 2019.

NERY, V.C.A. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006.

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. T. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 1, n. 02, p. 167–182, 2026.

ORLANDA, J. F. F. **Estudo da composição química e atividade biológica do óleo essencial de *Ruta graveolens* Linneau (RUTACEAE)**. 105p. Tese (Doutorado em Química). Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.

PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. **Assim se benze em Minas Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PEREIRA, M. R. DA S.; SILVA, T. G.; TENÓRIO, I. V. As benzedeadas e suas falas na pesquisa: uma revisão sistemática. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 6, p. 214–225, 2023.

PEREIRA, S. G.; MARUYAMA, R. R. Saberes tradicionais de benzedeadas e os processos místicos da fé. **Revista de Comunicação Científica**, v. 1, n. 15, p. 33–46, 5 abr. 2024.

90 USO DAS PLANTAS, ENFERMIDADES, ORAÇÕES E GESTOS NA BENZEÇÃO PRATICADA EM INACIOLÂNDIA, GOIÁS, BRASIL

PIMENTEL, J. G. S. O.; SILVA, J. DA C. As benzedeadas e a cura pela fé. **Revista Presença Geográfica**, v. 9, n. 3, p. 32–40, 2022.

LUO, P., FENG, X.; LIU, S.; JIANG, Y. Traditional Uses, Phytochemistry, Pharmacology and Toxicology of *Ruta graveolens*L.: A Critical Review and Future Perspectives. **Drug Design, Development and Therapy**, p. 6459-6485, 2024.

REIS, N. P.; COUTO, E. K. N. N. Entre rezas e benzedeadas: um estudo de fórmulas religiosas sob a perspectiva da análise do discurso. **Revista Educação e Linguagens**, v. 11, n. 21, p. 274–290, 2022.

SILVA, V. A. G. As benzedeadas tradicionais de Curitiba: identificação e análises. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 1, p. 144–157, mar. 2013.

SOUSA, M. C.; QUEIROZ, G. S.; MORAIS, M. G. G.; ALBUQUERQUE, L. T. C.; MALHEIRO, D. R.; OLIVEIRA, C. D. M. Cura pela Fé: As Benzedeadas do Cariri Cearense. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 15, n. 54, p. 323–332, 28 fev. 2021.

SOUZA, L. M. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, M. G.; MONTEIRO, G. A. Rezas, crenças e novenas: saberes e práticas de um povo devoto em Massapê do Piauí. **REVISTA ELETRÔNICA HUMANA RES**, v. 5, n. 8, p. 293–508, 2023.

THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1–20, 2016.

TRAVAGLIA, L. C. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. *In*: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (Org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II**. 97-117: EDUC/FAPESP, 2007.

TROPICOS.ORG. Missouri Botanical Garden. Disponível em: <<https://tropicos.org>>. Acesso em: 20 mar. 2026

VELLOSO, I. M.; BRAIDA, F. (Org.) **Perfume, moda e cultura: estudos reunidos**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019.

WEDIG, J. C.; RAMOS, J. D. D. A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzedeadas e mães de santo. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 2, p. 488–503, 25 ago. 2020.

Recebido em: 22/03/2025

Aprovado em: 17/06/2026

Publicado em: 25/06/2026